
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

GIOVANNA UECHI

CONTRIBUIÇÕES DA DANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Rio Claro
2020

GIOVANNA UECHI

CONTRIBUIÇÕES DA DANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Orientador: Prof. Dr. Flávio Soares Alves

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Câmpus de Rio Claro, para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Rio Claro
2020

U22c	Uechi, Giovanna Contribuições da dança na Educação Infantil / Giovanna Uechi. -- Rio Claro, 2020 43 p. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura - Pedagogia) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências, Rio Claro Orientador: Flávio Soares Alves 1. Educação de crianças. 2. Dança para crianças. 3. Linguagem corporal. I. Título.
------	---

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp.
Biblioteca do Instituto de Biociências, Rio Claro. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente à Deus, que me deu inúmeras oportunidades, força e coragem para superar todos os desafios enfrentados até aqui.

À toda minha família, que desde o princípio foi o meu alicerce e meu porto seguro durante toda a minha trajetória, sempre me motivando e incentivando a alcançar os meus objetivos, em especial aos meus pais Nelson Uechi e Silmara Ap. P. Uechi, por todo apoio e compreensão e por nunca me deixarem desistir.

À minha professora e amigas da dança que despertaram em mim o amor pela arte.

Agradeço também a todos os amigos que a caminhada da vida me proporcionou, que me incentivaram e me deram suporte nos momentos difíceis e de dúvidas, mas também me proporcionaram momentos de alegria e risadas contagiantes.

Ao meu orientador Flávio Soares Alves por acreditar no meu trabalho, na minha pesquisa, por corrigir cuidadosamente cada detalhe e me direcionar de uma maneira fantástica, sempre me incentivando a melhorar e me fazendo ter um olhar ainda mais sensível para a dança.

Aos professores do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da UNESP de Rio Claro, por todos os ensinamentos.

*“É em parte por escrevermos e falarmos sobre dança
que colaboramos, enquanto cultura, para sua
produção”.*

Sally Bannes.

RESUMO

O presente trabalho traz algumas reflexões sobre o ensino da dança na Educação Infantil. A abordagem é feita de maneira qualitativa, estabelecendo diálogo com autores e estudiosos da área, visando analisar e compreender através da pesquisa bibliográfica as contribuições da dança na Educação Infantil. Para tanto, situamos as reflexões acerca da dança buscando enfatizar sua dimensão comunicativa e expressiva. Desta forma, muito mais do que passos coreografados o que se evidencia é a natureza linguística da dança, só constituída em movimento, ao longo das interações encadeadas no trabalho educativo. Assim, tendo em vista essa centralidade da linguagem corporal nas aprendizagens constituídas na infância, reforçam-se as contribuições da dança na qualificação da Educação Infantil. Assentamos a nossa reflexão em hipóteses que propõe a dança como aspecto fundamental de comunicação e expressão, que busca desenvolver aspectos plurais e contribuir para uma formação mais ampla dos alunos a partir de uma dimensão lúdica e experimental, proporcionando um desenvolvimento integral do aluno.

Palavras-chave: Educação; Infância; Dança; Linguagem; Expressão.

ABSTRACT

The present work brings some light to the teaching of dance in Early Childhood Education. The approach is done in a qualitative way, establishing dialogue with authors and scholars in the area, aiming to analyze and understand through bibliographic research the contributions of dance in Early Childhood Education. For this purpose, we place the reflections on dance trying to emphasize its communicative and expressive dimension. Consequently, much more than choreographed steps, what is evident is the linguistic nature of dance, only constituted in movement, throughout the interactions linked in the educational work. Thus, in view of this centrality in body language in the learning occurring in childhood, we reinforce the contributions of dance in the qualification of Early Childhood Education. We base our reflection on hypotheses that propose dance as a fundamental aspect of communication and expression, which seeks to develop plural aspects and contribute to a broader training of students from a playful and experimental dimension, providing integral development for the student.

Key words: Education; Childhood; Dance; Language; Expression.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
DA DANÇA A EDUCAÇÃO	12
A DANÇA E O DESENVOLVIMENTO HUMANO	17
O MOVIMENTO ARTÍSTICO NO AMBIENTE ESCOLAR	22
O PROTAGONISMO DO MOVIMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL	25
A DANÇA E O SER SOCIAL	31
AS CONTRIBUIÇÕES DA DANÇA NA ESCOLA ou A DANÇA COMO EXPERIÊNCIA FORMATIVA	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	36

1. INTRODUÇÃO

"Dance, Dance... Senão estamos perdidos."

Pina Bausch

Como bailarina e graduanda no curso de Licenciatura Plena em Pedagogia pela UNESP (campus de Rio Claro), tive a oportunidade durante a minha formação, de vivenciar o ambiente educacional da Educação Infantil e a partir dessa vivência surgiram algumas inquietações que inspiraram o movimento desta pesquisa.

É do acossar da experiência, portanto, que ousou delinear meu problema investigativo. Fui percebendo, que o universo escolar, não raras vezes, privilegia a imobilidade dos corpos dos alunos. Isso porque, como é sabido, os alunos costumam ser alocados por horas e horas no espaço escolar em salas de aula, confinados em suas carteiras e muitas vezes são repreendidos quando se movimentavam demais dentro desse espaço de contenção dos corpos, por esse motivo, durante o intervalo, as aulas de Educação Física, ou em momentos que eram destinados a atividades artísticas percebia que as crianças se sentiam muito mais livres, estimuladas e felizes. Essa intuição advinda da experiência encontra ecos na literatura, de acordo com Scarpato (1999) o aluno que fica "muito tempo imóvel numa carteira ou numa mesma posição encontra na dança um meio de extravasar a repressão dos movimentos do corpo, experimentando sensação de alívio e prazer." (p.21)

É desse lugar, que reclama por movimento e expressão na escola que surgem as provocações dessa pesquisa! E para situar essas provocações, buscamos um diálogo com a dança, de modo a evidenciar nesta arte suas dimensões educacionais, considerando, mais detidamente, os efeitos dessas dimensões no contexto da Educação Infantil.

Para começar a situar esse olhar atento à dança, foi necessário evidenciar algumas discussões estabelecidas na interface entre Arte e Escola. Como é sabido, vemos atualmente um crescente interesse do contexto escolar nos movimentos artísticos. Seja através da dança, ou de qualquer outra mediação, o movimento artístico vem se tornando cada vez mais relevante e presente no ambiente e no currículo escolar.

No presente trabalho foi desenvolvida uma pesquisa acerca da Educação em dança, refletindo a respeito da dança como prática pedagógica, visando analisar os seus contextos plurais que possibilitam através do corpo e do movimento o desenvolvimento do lúdico e da expressão, além de discorrer sobre os seus benefícios e contribuições para o desenvolvimento cognitivo e motor no contexto pedagógico da Educação Infantil, reafirmando o fato de que “o estudo, a compreensão da dança - corporal e intelectualmente - vão muito além do ato de dançar” (MARQUES, 2003, p.19).

Desse modo, a dança se configura como “[...] uma possibilidade de expressão e também de comunicação humana que, através de diálogos corporais e verbais, viabiliza o autoconhecimento, os conhecimentos sobre os outros, a expressão individual e coletiva e a comunicação entre as pessoas.” (BARRETO, 2005, p.101).

Nos dias atuais a dança pode ser aplicada em diversos contextos e para diversos fins: lazer, terapêutico, interação social, relaxamento e muitos outros, mas o que trabalharemos nesta tese é o aplicado ao contexto educacional. Porém, de uma maneira generalizada, a dança no âmbito pedagógico ainda tem sido fortemente marcada pelo desenvolvimento de um produto final.

Neste contexto ainda se é muito valorizada a apresentação de coreografias, montadas com o intuito de satisfazer o calendário escolar, desconsiderando assim a visão social da dança, bem como a sua possibilidade de comunicação, de expressão e de conhecimento corporal.

Historicamente, a dança tem se manifestado como uma possibilidade de manifestar o corpóreo, o sensível, o estético; dimensões estas negligenciadas ou tidas como menos importantes no pensamento educacional do ocidente, marcado pela forte priorização do racional em detrimento da sensibilidade. (PORPINO, 2018, p. 15)

De acordo com Laban (1990, n.p. *apud* Scarpato, 1999, p.21):

A criança tem o impulso inato de realizar os movimentos similares aos da dança. À escola cabe:

- cultivar e concentrar as expressões naturais e fazer com que as crianças tomem consciência dos princípios que governam os movimentos;
- preservar a espontaneidade do movimento e
- ajudar a expressão criativa das crianças, representando danças adequadas aos seus dons naturais e grau de desenvolvimento.

Sendo assim, a dança deve caminhar em conjunto ao conhecimento intelectual, a fim de gerar um desenvolvimento integral do aluno.

A escola contemporânea é pensada como um espaço disponível para o conhecimento das mais diversas áreas, e a arte neste contexto traz uma perspectiva de compreensão do mundo de uma forma mais significativa, poética e sensível.

Na sociedade contemporânea, na qual a escola está inserida, é imprescindível que se busque formas de educação que considere os movimentos, gestos, sons, luminosidade, sensações, ações, emoções, enfim, tudo aquilo que se vive em casa, na rua e em outros espaços. (TOIGO, 2014, n.p.)

Como processo de aprendizagem, a dança também desenvolve diversos estímulos, segundo Cintra (1999, p.46), há o desenvolvimento tátil, visto que é possível sentir os movimentos e seus benefícios para o corpo; visual, pois vemos os movimentos e transformamo-los em atos; auditivo, é preciso ouvir a música e dominar o seu ritmo; afetivo, pois as emoções e os sentimentos são transpostos na coreografia; cognitivo, por desenvolver o raciocínio, o ritmo e a coordenação e por fim, motor, pois trabalha o esquema corporal.

O ensino de dança na escola pode dar subsídios ao aluno para melhor compreender, desvelar, desconstruir, revelar e transformar as relações que se estabelecem entre corpo, arte e sociedade, de forma a contribuir para que os alunos tomem consciência de suas potencialidades, aumentando sua capacidade de resposta e sua habilidade de comunicação. Seu objetivo englobaria a sensibilização e a conscientização tanto nas posturas, nas atitudes, nos gestos e nas ações cotidianas, quanto em suas necessidades de se expressar, comunicar, criar, compartilhar, interagir na sociedade em que vivemos (GODOY *et al*, 2010, p.39).

À vista disso, devemos pensar que a educação do corpo vai além da sua natureza biológica e todos esses estímulos são fundamentais para os seres humanos, mas principalmente para as crianças que estão em processo de desenvolvimento. Quando trabalhada da maneira correta, a aula de dança contribui para que os alunos tenham um momento de prazer e percepção do próprio corpo, podendo relaxar, soltar suas emoções, extravasar os seus sentimentos e esquecer por algumas horas os seus problemas, contribuindo paralelamente com as funções intelectuais.

Sendo assim, compete à escola e aos educadores utilizarem a dança de forma interdisciplinar e benéfica para o aprendizado, pois “a escola é hoje, sem dúvida, um lugar privilegiado para que isto aconteça e, enquanto ela existir a dança não poderá continuar mais sendo sinônimo de “festinhas de fim de ano”” (MARQUES, 2007, p.17).

No entanto, ainda há muita resistência com a inserção e aplicação da mesma nas escolas, pois o ensino de dança ainda está atrelado à uma didática tradicional, onde dançar é meramente reproduzir repertórios prontos e repetir exaustivamente coreografias criadas para festividades da escola, como por exemplo a Festa Junina, apresentações de Páscoa e encerramento do ano letivo, porém é preciso reconhecermos que no decorrer das aulas, ao longo do ano, a evolução dos alunos pode possibilitar o desenvolvimento de um trabalho coreográfico, mas nunca o reverso, pois isso só reforçaria o conceito de que dança são apenas passos preconcebidos e ensaiados com a finalidade de entreter os pais e familiares.

Os educadores que trabalharem com a dança no contexto escolar devem sempre mentalizar que o intuito desse trabalho não busca formar bailarinos e também não é a arte do espetáculo, ou seja, não se limita apenas a uma aula de recreação ou apresentação para festas comemorativas e sim no uso da linguagem corporal como forma de expressar-se.

Portanto, dada a relevância de se trabalhar a dança de maneira pedagógica na escola, analisaremos de forma aprofundada a sua utilização nos anos iniciais do processo de escolarização, mais especificamente na Educação Infantil, buscando contribuir para que essa visão social da dança no contexto escolar possa ser repensada.

2. DA DANÇA A EDUCAÇÃO

*"A dança? Não é movimento,
súbito gesto musical.
É concentração, num momento,
da humana graça natural.
No solo não, no éter pairamos,
nele amaríamos ficar.
A dança – não vento nos ramos:
seiva, força, perene estar.
Um estar entre céu e chão,
novo domínio conquistado,
onde busque nossa paixão
libertar-se por todo lado...
Onde a alma possa descrever
suas mais divinas parábolas
sem fugir à forma do ser,
por sobre o mistério das fábulas."*

Carlos Drummond de Andrade

A dança acompanhou a evolução do homem desde os primórdios da humanidade, historicamente os registros mais antigos associados a dança datam do período Paleolítico. No decorrer dos séculos, o ato de dançar foi se aprimorando e passou a se manifestar em diferentes situações, com diferentes objetivos e de diversas formas, cada povo compreendeu as infinitas possibilidades de se expressar através do corpo e de desenvolver seus domínios motores, sociais, cognitivos e afetivos.

De acordo com Oliveira:

Uma das atividades físicas mais significativas para o homem antigo foi a dança. Utilizada como forma de exibir suas qualidades físicas e de expressar os seus sentimentos, era praticada por todos os povos [...] A dança primitiva podia ter características eminentemente lúdicas como também um caráter ritualístico, onde havia demonstrações de alegria pela caça e pesca feliz ou a dramatização de qualquer evento que merecesse destaque como os nascimentos ou funerais. (1983, p. 14)

Sendo assim, antes de desenvolver a linguagem oral, o homem desenvolveu a linguagem corporal para se comunicar, expressar suas características culturais, festejar e cultuar aos deuses, logo o desenvolvimento integral do homem está diretamente ligado a essa arte.

A expressão através da dança veio estabelecer o elo inicial da comunicação coletiva, permitindo o agrupamento, a preservação e a cooperação entre os povos primitivos. Através desta forma de comunicação foi possível, ao homem primitivo, desenvolver seu potencial interno, num sentido intelectual, social e cultural, adquirindo gradualmente, senso de organização, ordenação, divisão de trabalho, estruturando e amadurecendo o seu caminho evolutivo, dentro de um esquema coletivo. (BERTONI, 1992, p.08).

Ao lado do teatro e da música, a dança se configura como uma das três principais artes cênicas da antiguidade, como arte, ela se expressa através dos signos de movimentos. Para Nanni (2008, p. 01), “A Dança – em sua essência – como manifestação primitiva, era um mergulho no mundo mágico, onde os movimentos espontâneos surgiram da imaginação...”, sendo assim desde a ancestralidade até os dias atuais a linguagem corporal e a dança se configuram através de um considerável valor representativo para a humanidade.

Laban aponta que:

Os movimentos na dança se manifestam na riqueza dos gestos e nos passos utilizados no dia-a-dia: em qualquer ação o homem faz uso de movimentos leves ou fortes, diretos ou flexíveis, lentos ou súbitos, controlados ou livres. (1990, p. 45)

Compreende-se então que as movimentações incorporadas à dança dão sustentação para a criação de diversas possibilidades de movimento e expressões utilizando-se do corpo.

O ato de dançar está intimamente associado a conexão com a nossa própria essência, "através da dança não se diz, mas se é... e a dança é a mais alta expressão do ser" (SHAWN, 194, n.p., *apud* GARAUDY, 1980, p.73), uma vez que nós entregamos aos movimentos e deixamos a expressividade se manifestar sem amarras, de uma forma irracional e não premeditada, revelamos a dança como uma linguagem corporal, rica de significados e que abre caminho para o autoconhecimento e conhecimento do mundo em que vivemos.

A pessoa, quando dança, utiliza o corpo experimentando diversas sensações, descobrindo inúmeras possibilidades de se movimentar, de se conectar consigo mesmo, descobrindo formas de se sentir bem com seu próprio corpo. (GARAUDY, 1980, p. 75).

Sendo assim, a dança também pode ser compreendida através do seu caráter educacional, ao contemplá-la como uma área do conhecimento que proporciona o desenvolvimento integral do ser humano, consideramos que ela não se resume simplesmente na aquisição de habilidades, mas também contribui para o aprimoramento das habilidades básica e dos padrões fundamentais dos movimentos.

A dança faz parte desse universo expressivo, porque viabiliza a apreciação estética que envolve o corpo em movimento. Ao dançar, a criança se expressa criativamente, e isto amplia suas possibilidades de interação com o mundo. Dançar, então, pode significar uma maneira prazerosa de conhecer o corpo e comunicar-se por meio dele.

O espaço escolar se constitui em uma possibilidade de favorecer o contato e a aprendizagem da dança porque nele, a criança é apresentada a diversos saberes, constrói conhecimentos que farão parte de sua vida e de sua inserção na sociedade. (GODOY, 2010, p. 49)

Strazzacappa (2001) diz que:

Toda dança promove transformação, logo, toda dança é educação. E é por essa razão que termos como “dança educativa”, “dança expressiva”, “dança criativa”, e tantas outras nomenclaturas para nomear a dança trabalhada na escola devem ser evitadas. A dança em si já é educativa, expressiva e criativa, dispensando adjetivos. Se não é constituída desses três fatores, então, simplesmente não é dança. (STRAZZACAPPA, 2001, p.44)

Pela aproximação e observação da dança e pela reflexão sobre ela, podemos pensar sobre nós mesmos. O que interessa como conteúdo da dança escolar são os elementos da linguagem criativa por meio do movimento. (STRAZZACAPPA, 2001, p.47)

A Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9394/96) no Art. 29 nos define que “a Educação Infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 anos, em seus aspectos físicos, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.”, desse modo, a primeira infância é considerada um período crucial na vida das crianças, pois é nesta fase que as mesmas adquirem competências essenciais para o desenvolvimento de habilidades que irão impactar na sua vida adulta.

Em vista disso, ao assumir o desafio de construir uma pedagogia voltada para a Educação Artística no espaço da Educação Infantil e introduzir a dança na escola

visando todas as suas potencialidades, deve-se abandonar as atividades mecânicas, criando espaços de vivências coletivas, possibilitando o desenvolvimento de atividades que deem aos alunos condições de comunicar-se por meio do movimento com os demais e com eles mesmos, para que possam desenvolver suas potencialidades por meio da dança, pois segundo Laban:

A primeira tarefa da escola é cultivar e concentrar os impulsos naturais de expressão das crianças e fazê-las com que tomem consciência de alguns princípios que governam o movimento. A segunda tarefa, não menos importante, é preservar a espontaneidade do movimento e mantê-la viva até a idade de deixar a escola e, no futuro, na vida adulta. Uma terceira tarefa é fomentar a expressão artística no âmbito da arte primária do movimento, onde se devem seguir dois objetivos: um é aguçar a expressão criativa das crianças, representando danças adequadas aos seus dons naturais e ao grau do seu desenvolvimento; o outro é cultivar a capacidade de tomar parte na unidade superior das danças coletivas dirigidas pelo educador (LABAN, 1990, p.18).

De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil:

O espaço na instituição de educação infantil deve propiciar condições para que as crianças possam usufruí-lo em benefício do seu desenvolvimento e aprendizagem. Para tanto, é preciso que o espaço seja versátil e permeável à sua ação, sujeito às modificações propostas pelas crianças e pelos professores em função das ações desenvolvidas. (BRASIL, 1998, p. 69)

No âmbito escolar, principalmente na Educação Infantil, o principal objetivo de introduzir a dança pedagogicamente é centrar-se no processo de desenvolvimento das expressões criativas e da descoberta do corpo, mas para isso, segundo Laban (1978) é fundamental que:

À escola leve a criança a adquirir consciência dos princípios do movimento, preservando sua espontaneidade e desenvolvimento a expressão criativa. O aprendizado da dança deve integrar o conhecimento intelectual e criativo do aluno, desenvolvendo os pilares da educação. (LABAN, 1978, p. 67).

Sendo assim, ao introduzir o trabalho com o corpo na educação, abrem-se possibilidades para um aprendizado prazeroso, dinâmico e envolvente. O ser humano necessita do movimento para se expressar e externar seus sentimentos mais profundos, e a dança pode e deve ser utilizada como um recurso de ensino e aprendizagem, que busca o desenvolvimento integral através da exploração dos movimentos, das potencialidades e da descoberta do corpo, elementos fundamentais para a evolução dos aspectos humanos, afetivos, cognitivos e sociais da criança na Educação Infantil.

3. A DANÇA E O DESENVOLVIMENTO HUMANO

"A dança expressa o que não se consegue dizer em palavras mas que também não pode de forma alguma permanecer em silêncio."

Victor Hugo

Desde os momentos iniciais da vida, a interpretação dos movimentos e expressões permitem ao adulto satisfazer tanto as necessidades físicas quanto afetivas das crianças.

A criança entra em contato com o mundo por meio de suas sensibilidades. Isso faz com que ela se manifeste e procure uma forma de comunicação com o meio em que vive. Nesse processo, estabelece o contato pelas diversas formas de linguagem. A primeira delas, e que nos acompanha pela vida toda, é a linguagem corporal, que como toda linguagem, é constituída por uma série de códigos simbólicos. (GODOY, 2010, p.49)

Com o passar do tempo e ao entrar em contato com o mundo a criança recebe inúmeros estímulos que incitam o seu desenvolvimento físico, emocional e cognitivo. Mauss (1974) relaciona toda a aprendizagem ao corpo, pois este seria o primeiro objeto e meio técnico do homem, fazendo-o aprender através de variadas técnicas corporais.

O corpo é o primeiro e o mais natural instrumento do homem. Ou, mais exatamente, sem falar de instrumento: o primeiro e o mais natural objeto técnico, e ao mesmo tempo meio técnico, do homem, é seu corpo. Imediatamente, toda a imensa categoria daquilo que, em sociologia descritiva, eu classificava como "diversos" desaparece dessa rubrica e ganha forma e corpo: sabemos onde colocá-la. (MAUSS, 1974, p.407)

E assim, por meio do corpo e da transmissão essencialmente oral incorporam-se gestos, valores e padrões típicos da sociedade e cultura em que vivemos.

Não há técnica e não há transmissão se não houver tradição. Eis em quê o homem se distingue antes de tudo dos animais: pela transmissão de suas técnicas e muito provavelmente por sua transmissão oral. (MAUSS, 1974, p.40)

Para Laban (1990), o impulso inato de realizar movimentos similares aos da dança advém desde o nascimento, deste modo é função da escola conscientizá-la dos princípios do movimento, preservando sua espontaneidade e desenvolvendo a sua expressão criativa.

Dançar é tão importante para uma criança quanto falar, contar ou aprender geografia. É fundamental para a criança que nasce dançando, não desaprender essa linguagem pela influência de uma educação repressiva e frustrante (...). (SCARPATO, 2001, p.60 apud Béjart apud Garaudy, 1980)

Partindo da premissa de que o corpo humano naturalmente possui várias formas de expressão, que carregam uma carga histórico-cultural herdadas das gerações passadas, devemos levar em consideração a expressão corporal no processo de ensino-aprendizagem, e nesse sentido, o contexto escolar tem papel fundamental no desenvolvimento humano. Ao admitirmos que o papel da escola e do educador é a oportunização e a socialização do saber, a estruturação dos objetivos educacionais devem ser pautados em ações que englobam todas as formas didáticas que viabilizem o aprendizado.

O Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil, já apresenta o movimento, e consequentemente a dança, como parte fundamental do desenvolvimento e da cultura humana (RCNEI, 1998).

O movimento humano, portanto, é mais do que simples deslocamento do corpo no espaço: constitui-se em uma linguagem que permite às crianças agirem sobre o meio físico e atuarem sobre o ambiente humano, mobilizando as pessoas por meio de seu teor expressivo. (BRASIL, 1998, p. 15)

A dimensão subjetiva do movimento deve ser contemplada e acolhida em todas as situações do dia-a-dia na instituição de educação infantil, possibilitando que as crianças utilizem gestos, posturas e ritmos para se expressar e se comunicar. Além disso, é possível criar, intencionalmente, oportunidades para que as crianças se apropriem dos significados expressivos do movimento. A dimensão expressiva do movimento engloba tanto as expressões e comunicação de idéias, sensações e sentimentos pessoais como as manifestações corporais que estão relacionadas com a cultura. (BRASIL, 1998, p. 30)

Sendo assim, quando inserida na escola, a dança se apresenta de maneira positiva, como uma forma de compreender e agir em relação aos sujeitos que estão participando ativamente do processo de aprendizagem, os propósitos educacionais ao se trabalhar com esta arte estão ligados às inúmeras interpretações das manifestações artísticas que tem o corpo como principal instrumento.

Segundo Scarpato (2001), quando instituída na escola, a dança não deve se reduzir a priorizar técnicas que tenham um padrão pré-estabelecido de execução perfeita dos movimentos. A escola é um lugar privilegiado para que a dança ocorra com qualidade e responsabilidade, e de acordo com Marques (2012), sendo ela um local de educação, o conhecimento do corpo como um todo deve ser possibilitado, desmistificando os conceitos de que a mente e o corpo estão separados.

A criança traz em sua essência a espontaneidade, portanto o brincar e a expressão são os fatores determinantes para os seus movimentos. Sendo assim, é necessário considerar o repertório de movimentos da criança e sua espontaneidade para não negarmos o seu direito de se relacionar consigo mesma e com o outro, pois é por meio de sua linguagem corporal que a criança estabelece seus primeiros contatos com o mundo que a cerca.

A proposta por Rudolf Laban adequa-se perfeitamente aos princípios da educação progressista, possibilitando ao aluno expor-se por seus próprios movimentos. Não ensina apenas a forma ou a técnica, mas educa conforme o vocabulário de movimento de cada um, contribuindo para o desenvolvimento emocional, físico e social do participante. (SCARPATO 2001, p. 59)

A partir do momento em que tolhem a movimentação própria das crianças em detrimento da incorporação de códigos e da reprodução de repertórios pré-determinados, este trabalho se torna mecânico e enrijece seu corpo e sua mente.

O trabalho com o corpo gera a consciência corporal. O aluno questiona-se e começa a compreender o que passa consigo e ao seu redor, torna-se mais espontâneo e expressa seus desejos de modo mais natural, o que pode criar dificuldades para a prática pedagógica autoritária, que ainda acredita que o aluno só aprende sentado na carteira (SCARPATO, 2001, p. 58)

A repetição de movimentos, a fim de compor coreografias em eventos escolares, afasta o verdadeiro significado do ensino da dança. É plausível afirmar que durante um longo processo de aulas, pode se chegar a uma coreografia, mas o inverso não, pois desta maneira se coloca em risco o aprendizado dos/as alunos/as, fazendo com que o conceito de que dança são apenas “passinhos” ensaiados se dissemine pela sociedade. Conforme Marques (2012, p.20) afirma “é importante que o ensino da dança nas escolas seja focado nos processos de ensino-aprendizagem da linguagem, pois a dança não é só repertório, é, sobretudo, linguagem artística”.

Outro fator fundamental é trazer a criança para o protagonismo de seu aprendizado, deixando-a explorar e compreender o seu corpo através da dança, de acordo com Vianna:

A primeira coisa que um professor precisa fazer é dar um corpo ao aluno. Mas como é possível dar um corpo a alguém? Todos sabemos que o corpo existe, mas sabemos intelectualmente. Só nos lembramos dele quando surge algum problema, alguma dor, alguma febre. Para acordar esse corpo é preciso desestruturar, fazer que a pessoa sinta e descubra a existência desse corpo. Somente aí é possível criar um código pessoal, não mais aquele código que me deram quando nasci e que venho repetindo desde então. (2008, p. 77)

A dança não se resume apenas na aquisição de habilidades corporais como a coordenação motora e a flexibilidade, mas também em outros diversos aspectos, pois através do modo que a dança é apresentada no contexto escolar, abrem-se possibilidades de se trabalhar com temas transversais por meio dela, como a composição coreográfica, sexualidade, autoconhecimento, autoconfiança, saúde, socialização, improvisação, entendimento das limitações pessoais, noção de espaço, criatividade e espontaneidade, além de favorecer o processo de construção do conhecimento e outros temas alternativos, possibilitando aprendizagens diversas e significativas.

Mas para trabalhar com as diversas possibilidades que a dança apresenta é necessário que haja um bom planejamento e que o/a professor/a aprofunde o seu conhecimento em prol da preparação das aulas, para que estas não sejam superficiais e repitam o que já vem sendo feito há anos.

De acordo com Isabel A. Marques:

Na Educação Infantil, essa proposta traz a possibilidade de complementarmos os horizontes da brincadeira das experimentações com o corpo: ela permite que adentremos o universo da linguagem, da estética, das relações com os outros. (MARQUES, 2012, p.50)

A arte e a educação devem caminhar juntas, pois ambas são agregadoras, se dedicam às relações humanas e se propõe a romper barreiras e achar brechas. Nos dias atuais, a dança está fortemente ligada ao processo educacional, por abranger diversas habilidades se faz presente tanto no ambiente escolar quanto em escolas especializadas, sendo assim devemos pensar que a educação do corpo vai além da sua natureza biológica e todos esses estímulos são fundamentais para os seres humanos, mas principalmente para as crianças que estão em processo de desenvolvimento. Quando trabalhada da maneira correta, a aula de dança contribui para que os alunos tenham um momento de prazer e percepção do próprio corpo contribuindo paralelamente com as funções intelectuais.

Desse modo, a dança no contexto escolar não busca formar bailarinos, o principal objetivo é fornecer aos alunos uma atividade humana de caráter artístico com alcance social diverso, visando auxiliar no processo de ensino-aprendizagem cujo objetivo final é a construção do conhecimento por meio do movimento e do autoconhecimento.

A dança é uma das manifestações da cultura corporal dos diferentes grupos sociais que está intimamente associada ao desenvolvimento das capacidades expressivas das crianças. A aprendizagem da dança pelas crianças, porém, não pode estar determinada pela marcação e definição de coreografias pelos adultos. (BRASIL, 1998, p. 30)

4. O MOVIMENTO ARTÍSTICO NO AMBIENTE ESCOLAR

"Crianças: elas dançam antes de aprender que não há nada que não seja música."

William Stafford

Barbosa (2009) afirma que por muito tempo a linguagem trabalhada na escola tinha relação apenas com a Língua Portuguesa, porém nos dias atuais houve um desvinculamento e uma ampliação conceitual a respeito do significado do termo "linguagem".

Nas crianças pequenas, as linguagens são aprendidas nas ações materiais e simbólicas significativas. São as ações corporais, gestuais e verbais que acontecem no encontro entre crianças e crianças, entre crianças e adultos, e entre adultos e adultos, propiciadas através de ações como correr, falar, chorar, cantar ou ainda atividades mais integradas com a presença de fantoches, do teatro de sombras, de diálogos, de maquiagens e de outros materiais que favoreçam o encontro entre o movimento do corpo e as linguagens para produção de significados (BARBOSA, 2009, p. 85).

Porém, é notório que determinadas linguagens não são tão valorizadas em certas culturas, fazendo com que na escola algumas sejam mais trabalhadas e valorizadas em detrimento de outras. Apesar dos movimentos artísticos virem se tornando mais relevantes e presentes no ambiente e no currículo escolar, a arte ainda está muito associada apenas com as artes visuais como o desenho, a escultura, a música e a pintura, deixando de lado modalidades artísticas que envolvem o corpo, como a dança, porém, como destaca Barreto (2008) o ensino da dança também é fundamental na educação escolar devido aos seguintes fatores:

- propicia o autoconhecimento e o conhecimentos do outro, bem como a expressão e a comunicação, através de diálogos verbais e corporais;
- estimula vivências da corporeidade, incentivando a expressividade
- proporciona relacionamento estéticos com outras pessoas e com o mundo, promovidos pelo fazer estético;
- sensibiliza as pessoas, contribuindo para que elas tenham uma educação estética, estimulando relações mais equilibradas e harmoniosas ante o mundo, desenvolvendo a apreciação e a fruição da dança. (BARRETO, 2008, p. 101)

Dentro do ambiente escolar, o movimento corporal sempre foi interpretado de maneira equivocada, pois a disciplina sempre esteve associada a imobilidade, desse modo "as crianças educadas e comportadas eram aquelas que simplesmente não se moviam" (STRAZZACAPPA, 2001, p. 70), além disso, a possibilidade de movimento se consolidou como uma moeda de troca, onde a imobilidade está diretamente associada ao desconforto e é sinônimo de punição, enquanto a liberdade de se movimentar é considerada como prêmio.

Constantemente, os alunos indisciplinados (lembrando que muitas vezes o que define uma criança indisciplinada é exatamente o seu excesso de movimento) são impedidos de realizar atividades no pátio, seja através da proibição de usufruir do horário do recreio, seja através do impedimento de participar da aula de educação física, enquanto que aquele que se comporta pode ir ao pátio mais cedo para brincar. Estas atitudes evidenciam que o movimento é sinônimo de prazer e a imobilidade, de desconforto. (STRAZZACAPPA, 2001, p. 70)

Mas se o indivíduo cria sua identidade e se expressa através do movimento, ao gerarmos efeitos negativos associados às mobilizações das expressividades, que tipo de crianças estamos formando com essa carência de movimento?

Assim, considerando o principal objetivo da escola e o papel que ela desempenha hoje de transmitir apenas conteúdos descontextualizados, torna-se perceptível a necessidade de estimular a ideia de tornar a prática pedagógica uma ação crítica, criativa e transformadora. (BARRETO, 1998, p.37)

Ao se trabalhar com o movimento e conseqüentemente com a arte no contexto escolar abre-se a possibilidade de estimular o processo de identificação e construção de si mesmo, a fim de criar um modo de ser e de se representar no mundo. Na sala

de aula abordagens que permitam o diálogo entre as outras áreas do conhecimento através de um olhar artístico, considerando as vivências individuais dos alunos e suas criações próprias são imprescindíveis para um desenvolvimento integral, principalmente na Educação Infantil

Há uma especificidade clara no trabalho do professor de educação infantil que é a de ter a sensibilidade para as linguagens da criança, para o estímulo à autonomia, para mediar a construção de conhecimentos científicos, artísticos e tecnológicos e, também, para se colocar no lugar do outro, aspectos imprescindíveis no estabelecimento de vínculos com bebês e crianças pequenas. (BARBOSA, 2009, p. 37)

Desse modo, a utilização das artes em sala de aula dialoga com esta possibilidade de tornar os indivíduos mais conscientes de seus espaços e dos seus papéis na sociedade, principalmente por estimular as vivências criativas, tirando os estudantes da sua zona de conforto, e para possibilitar todos estes aspectos positivos da arte no contexto escolar é preciso que os educadores tenham um olhar sensível para todas as linguagens expressas pelas crianças.

5. O PROTAGONISMO DO MOVIMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

“Um observador de uma pessoa em movimento fica imediatamente consciente, não apenas dos percursos e ritmos de movimento, mas também das atmosferas que os percursos carregam em si, já que as formas do movimento através do espaço são tingidas pelos sentimentos e pelas idéias.”

Rudolf Von Laban

A criança é um sujeito que pensa e age de maneira muito particular e espontânea, que surpreende os adultos com suas capacidades de questionar, criar e enxergar o mundo, ao limitarmos a Educação Infantil a uma alta estimulação cerebral enquanto negligenciamos outras dimensões educativas estamos prejudicando o seu desenvolvimento integral, Campos (2009, p.12) afirma que a “ênfase só no aspecto cognitivo é complicada”, sendo assim, ao reduzirmos as possibilidades de aprendizagens somente a esse aspecto, estamos limitando a capacidade infantil de agir e interagir com o meio a qual estão inseridas.

Atualmente, o documento mais recente que contém orientações a respeito de como trabalhar na Educação Infantil é a Base Nacional Comum Curricular de 2017, e sua composição traz o corpo e o movimento com eixo fundamental de trabalho: “o eu o outro e nós, corpo gestos e movimento, traços, sons, cores e formas, escuta, fala, pensamento e imaginação, Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações” (BRASIL, 2017 p. 40).

Corpo, gestos e movimentos – Com o corpo (por meio dos sentidos, gestos, movimentos impulsivos ou intencionais, coordenados ou espontâneos), as crianças, desde cedo, exploram o mundo, o espaço e os objetos do seu entorno, estabelecem relações, expressam-se, brincam e produzem conhecimentos sobre si, sobre o outro, sobre o universo social e cultural, tornando-se, progressivamente, conscientes dessa corporeidade. Por meio das diferentes linguagens, como a música, a dança, o teatro, as brincadeiras de faz de conta, elas se comunicam e se expressam no entrelaçamento entre corpo, emoção e linguagem. As crianças conhecem e reconhecem as sensações e funções de seu corpo e, com seus gestos e movimentos, identificam suas potencialidades e seus limites, desenvolvendo, ao mesmo tempo, a consciência sobre o que é seguro e o que pode ser um risco à sua integridade física. Na Educação Infantil, o corpo das crianças ganha centralidade, pois ele é o partícipe privilegiado das práticas pedagógicas de cuidado físico, orientadas para a emancipação e a liberdade, e não para a submissão. Assim, a instituição escolar precisa promover oportunidades ricas para que as crianças possam, sempre animadas pelo espírito lúdico e na interação com seus pares, explorar e vivenciar um amplo repertório de movimentos, gestos, olhares, sons e mímicas com o corpo, para descobrir variados modos de ocupação e uso do espaço com o corpo (tais como sentar com apoio, rastejar, engatinhar, escorregar, caminhar apoiando-se em berços, mesas e cordas, saltar, escalar, equilibrar-se, correr, dar cambalhotas, alongar-se etc.). (BRASIL, 2017, p. 40-41)

Para as crianças o movimento é mais importante do que falar ou aprender a contar, "[...] a criança tem necessidade de agir, criar e trabalhar, isto é, empregar a sua atividade numa tarefa individual ou socialmente útil [...]. (FREINET, 1974), portanto a dança se apresenta como uma forma natural e espontânea de resgatar essa linguagem.

Os alunos da Educação Infantil estão sempre em contato direto, se tocando, brincando com as mãos e conseqüentemente em contato com o corpo do outro, esta proximidade possui a intenção de interação e de estabelecimento de vínculos, porém alguns professores ainda veem essa atitude como algo ruim ao processo de aprendizado, justificando que esse comportamento e o excesso de movimentação prejudica a concentração do coletivo. Mais uma vez nos colocando diante do movimento como algo contraproducente e que precisa ser restrito e pré-designado para determinadas horas do dia, tornando essas atividades apenas parciais, em que os movimentos são pré- estabelecidos e não espontâneos.

É muito comum que, visando garantir uma atmosfera de ordem e harmonia, algumas práticas educativas procurem simplesmente suprimir o movimento, impondo às crianças de diferentes idades rígidas restrições posturais. Isso se traduz, por exemplo, na imposição de longos momentos de espera – em fila ou sentada – em que a criança deve ficar quieta, sem se mover...em linhas gerais, as conseqüências dessa rigidez podem apontar tanto para o desenvolvimento de uma atitude de passividade nas crianças como para a instalação de um clima de hostilidade... (BRASIL, 1998, p. 16).

Muito tem se discutido a respeito do ensino da dança na escola, entretanto a sua inclusão de maneira eficaz ainda se apresenta de maneira prematura no âmbito escolar, visto que arte ainda é considerada apenas como uma ferramenta de expressividade, devido aos valores da escola tradicional brasileira ainda serem muito fundamentados nos moldes da educação bancária, em que o conhecimento analítico, descritivo e linear valem mais do que o conhecimento sintético, sistêmico, corporal e intuitivo (MARQUES, 2010, p.18)

Ao olhar para a escola, nos moldes que conhecemos e vivenciamos durante nosso processo educacional, é possível notar que ela está fundada em uma concepção de "educação tradicional e bancária", tomando emprestado os termos de Paulo Freire (1977), assumindo a função de transmitir aos educandos os conhecimentos acumulados há séculos, sem a preocupação de reconstruí-los, desrespeitando a dinâmica cultural do mundo em que vivemos e as necessidades e os desejos pessoais. De acordo com este autor, a escola tem desempenhado uma função reprodutivista, contribuindo para que as coisas permaneçam como estão, neste mundo. (BARRETO, 1998, p.36)

O trabalho com a corporeidade durante a infância não deve restringir-se apenas no estabelecimento de movimentações perfeitas, e sim basear-se na construção de maneira integral da noção de corpo, sem amarras, buscando o avivamento das relações pessoais e com o outro.

A dança na escola não deve priorizar a execução de movimentos corretos e perfeitos dentro de um padrão técnico imposto, gerando a competitividade entre os alunos. Deve partir do pressuposto de que o movimento é uma forma de expressão e comunicação do aluno, objetivando torná-lo um cidadão crítico, participativo e responsável, capaz de expressar-se em variadas linguagens, desenvolvendo a auto-expressão e aprendendo a pensar em termos de movimento (SCARPATO, 2003, p.59).

A dança se apresenta na escola de duas maneiras distintas, a primeira delas, é a mera apropriação das danças já existentes fora do ambiente escolar, que são incorporadas na rotina das crianças através de cópias de coreografias pré-definidas, sem explorar de fato os inúmeros benefícios que esta arte pode trazer para o desenvolvimento infantil, que segundo Marques (2010, p. 32) "são um exemplo da falta de consequência em relação ao conhecimento da dança e de seu potencial transformador."

[...] as apresentações de danças coreografadas por adultos para crianças e adolescentes para festas, mostras e festivais não raramente são também omissas, passivas, acomodadas, não compromissadas. O potencial criativo, os diferentes corpos, as idéias e culturas dos alunos, quando não são levados em consideração e trabalhados na criação das coreografias apresentadas são inconseqüentes: ingênuas, não são transformadoras. (MARQUES, 2010, p.32)

E a segunda maneira, é a que valoriza a movimentação como parcela fundamental no processo formativo do educando.

De modo geral, nas escolas a apresentação de coreografias prontas, montadas com o intuito de satisfazer o calendário escolar ainda são muito valorizadas, desconsiderando a visão social da dança, restringindo essa arte a um simples exercício cuja finalidade poderia ser muito mais ampla, possibilitando o desenvolvimento da comunicação, do conhecimento corporal, da expressão e da interação. Para Marques:

Essas propostas falham em não perceber que a educação através da arte pode ir além do universo pessoal, subjetivo e emocional do aluno: ela pode abranger e problematizar a realidade sócio- político-cultural daquele em toda sua diversidade e complexidade. (MARQUES, 2011, p.45-46)

A dança está diretamente ligada ao sentimento afetivo, sendo assim não é necessário a apresentação de um produto final, mas o olhar atento do professor, e o planejamento das atividades é extremamente importante para possibilitar o desenvolvimento integral do aluno. Com seus contextos plurais, essa arte possibilita através do corpo e do movimento o desenvolvimento do lúdico e da expressão, além de possuir forte influência no aspecto cognitivo. Por essa razão ao ser inserida na escola pode trazer grandes contribuições para o desenvolvimento infantil.

É por meio dos nossos corpos, dançando, que os sentimentos cognitivos se integram aos processos mentais e que podemos compreender o mundo de forma diferenciada, ou seja, artística e estética. É assim que a dança na escola se torna distinta de um baile de carnaval ou de um ritual catártico: o corpo que dança e o corpo na dança tornam-se fonte de conhecimento sistematizado e transformador (MARQUES, 2010, p.25).

De acordo com Paulo Freire (1996), o aluno deve estar completamente envolvido no seu processo de aprendizagem e os docentes devem buscar condições que viabilizem os educandos construir sua própria educação, pois "o educador que castra a curiosidade do educando em nome da eficácia da memorização mecânica do ensino dos conteúdos, tolhe a liberdade do educando, a capacidade de aventurar-se" (FREIRE, 1996, p.63), o mesmo acontece ao utilizar a dança de forma pedagógica, para trabalhá-la como uma prática corporal que potencializa e utiliza os sentidos e às expressões corporais é preciso desvinculá-la do seu aspecto tecnicista, onde a técnica é vista como elemento fundamental para o desenvolvimento, segundo Marques isto ainda assusta os educadores, que ao trabalharem os aspectos plurais da dança devem estar abertos ao imprevisto e ao indeterminado, "propostas com dança que trabalhem seus aspectos criativos e transformadores, portanto imprevisíveis e indeterminados, ainda "assustam" aqueles que aprendem e são regidos pela didática tradicional" (MARQUES, 2010, p.18).

A escola que temos não é o tempo-espaço que se conhece com o corpo. Nela não cabe o prazer, a dor, a paixão, a alegria ou quaisquer outros sentimentos. Através desse distanciamento da sabedoria do corpo, a escola colocou-se à margem das experiências vividas pelos educandos e, assim, o processo de construção de conhecimentos, atualmente, reflete o abismo que foi cavado entre o que é aprendido na escola e o sentido desses saberes na vida do educando. (BARRETO, 1998, p.40)

A experiência artística de dança na escola que visa uma educação emancipatória criando contextos que exercitam a autonomia e a liberdade, ainda está muito distante da realidade na sala de aula, pois esta vivência ainda se encontra

enraizada na dança espetáculo, onde o principal objetivo é a aprendizagem de passos e sequências. Apesar de fazer parte da experiência em dança, restringi-la meramente a isto distancia as crianças da experiência artística complexa que pode ser trabalhada, engessando a sua dimensão lúdica, habituando-os na padronização e na ausência do pensamento crítico e da reflexão.

6. A DANÇA E O SER SOCIAL

"Você tem que deixar que cada um se expresse por suas motivações internas".

Pina Bausch

A experiência corporal é quem possibilita ao corpo físico formas alternativas de expressão e comunicação contribuindo também para o processo de ensino e aprendizagem, segundo Laban (1990), a dança pode ser comparada a linguagem falada podendo trazer diversos benefícios para os seres humanos:

Comparada a linguagem oral. Assim como as palavras são formadas por letras, os movimentos são formados por elementos; assim como as orações são compostas de palavras, as frases da dança são compostas de movimento. Esta linguagem do movimento, de acordo com seu conteúdo, estimula a atividade mental de maneira semelhante, e talvez até mais complexa que a da palavra falada. (LABAN, 1990, p.32)

A dança possibilita que os alunos aprendam não somente por meio de palavras, mas também por movimentos e brincadeiras, criando mesmo que de forma inconsciente uma visão crítica e reflexiva sobre diversos assuntos, conforme Strazzacappa (2001) "o indivíduo age no mundo através de seu corpo, mais especificamente através do movimento. É o movimento corporal que possibilita às pessoas se comunicarem, trabalharem, aprenderem, sentirem o mundo e serem sentidos" (STRAZZACAPPA, 2001, p.69)

Desse modo, o educador consciente percebe a arte, neste caso a dança, como potencializadora e peça fundamental na construção do ser. Ao considerarmos que a instituição escolar é responsável por uma parcela da construção do ser social, deve-se permitir e instigar o estudante experienciar e a ir além dos conteúdos, fazendo-os refletir sobre suas vivências e criando suas próprias relações com o mundo e com os outros, pois é através dos nossos corpos que nós desenvolvemos de forma crítica.

Por meio de nossos corpos aprendemos subliminar e inconscientemente (caso não tenhamos aprendido a ter uma postura crítica diante da vida) quem somos, o que querem de nós, por que estamos neste mundo e como devemos nos comportar diante de suas demandas” (MARQUES, 2010, p.26).

O educador deve buscar despertar a autonomia dos estudantes, para que sozinhos, eles identifiquem seu papel no mundo e façam suas próprias escolhas. Segundo Paulo Freire (1996), os educadores devem levar em consideração que os alunos não são páginas em branco destinados a receber o conhecimento do qual são possuidores, “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (Freire, 1996, p. 12), sendo assim, os alunos não devem se sentir ou serem considerados como sujeitos passivos do seu processo de conhecimento, mas sim como indivíduos ativos capazes de analisar criticamente tudo que lhes é apresentado.

O cenário escolar atual tolhe corpos curiosos e expressivos, que com o tempo acabam sentindo como se não tivesse nada a contribuir, se tornando meros reprodutores de ações e pensamentos, portanto ao mesmo tempo que a dança na escola pode ser uma forma de despertar a consciência e compreender o corpo dos sentidos, ela pode tornar as crianças meros reprodutores.

A dança apresenta um papel benéfico para a expressão individual e coletiva, mas para que esses aspectos positivos sejam explorados e executados é preciso que haja um planejamento visando o contexto e as particularidades dos alunos e do ambiente em que estão inseridos, caso contrário as aulas de dança serão meras aulas de recreação ou de montagens de coreografia para festividades da escola, como citado por Marques (2010):

Ao contrário do que nos dita o senso comum, as aulas de dança podem ser verdadeiras prisões dos sentidos, das ideias, dos prazeres, da percepção e das relações que podemos traçar com o mundo. De fora pra dentro, regras posturais baseadas na anatomia padrão, sequências de exercícios preparadas para todas as turmas do mesmo modo, repertórios regidos e impostos (por exemplo, as festinhas de fim-de-ano) podem estar nos desconectando de nossas próprias experiências e impondo tanto ideias de corpo (em forma e postura) quanto de comportamento em sociedade” (MARQUES, 2010, p.26-27)

7. A DANÇA COMO EXPERIÊNCIA FORMATIVA

"Por isso, a viagem de formação é, mais propriamente, uma viagem de desaprendizagem ao fim da qual o mundo aparece aberto e disposto para ser lido de outra maneira."

Jorge Larrosa

Ao falar sobre experiência no espaço escolar, um autor se apresenta como fundamental nesta discussão, o pedagogo espanhol Jorge Larrosa. Larrosa (2002) trata a experiência como um acontecimento, uma situação vivida e que, de alguma forma, tocou e transformou o sujeito envolvido.

Começarei com a palavra experiência. Poderíamos dizer, de início, que a experiência é, em espanhol, "o que nos passa". Em português se diria que a experiência é "o que nos acontece"; em francês a experiência seria "ce que nous arrive"; em italiano, "quello che nos succede" ou "quello che nos accade"; em inglês, "that what is happening to us"; em alemão, "was mir passiert". A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. (LARROSA, 2002, p. 21)

Em geral, o conceito de experiência está estreitamente ligado com os sentidos: visão, audição, olfato, paladar e tato, e estes, por sua vez se conectam e interagem com a cognição do sujeito, porém na contemporaneidade este conceito vem sendo equivocadamente igualado com a informação. "A primeira coisa que gostaria de dizer sobre a experiência é que é necessário separá-la da informação." (LARROSA, 2002, p. 19). O excesso de informação nos dias atuais está impedindo os sujeitos de viverem experiências reais, que estão associadas aos momentos de autorreflexão e introspecção e contribuem para a construção da subjetividade, bem como o aprendizado está associado somente ao adquirir e processar informações, a fim de que o "sujeito bem informado" obrigatoriamente formule uma opinião própria a respeito do assunto.

A informação não é experiência. E mais, a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma anti experiência. Por isso a ênfase contemporânea na informação, em estar informados, e toda a retórica destinada a constituirmos como sujeitos informantes e informados; a informação não faz outra coisa que cancelar nossas possibilidades de experiência. O sujeito da informação sabe muitas coisas, passa seu tempo buscando informação, o que mais o preocupa é não ter bastante informação; cada vez sabe mais, cada vez está melhor informado, porém, com essa obsessão pela informação e pelo saber (mas saber não no sentido de “sabedoria”, mas no sentido de “estar informado”), o que consegue é que nada lhe aconteça. (LARROSA, 2002, p. 21-22)

De acordo com Larrosa (2002), este par informação/opinião fez com que o sistema educacional atual se tornasse imperativo, em que os alunos são demasiadamente estimulados a elaborar uma opinião e sentimento referente a aquilo que foram informados, mas em contrapartida são pouco estimulados a perceberem o que sentem.

Ao considerarmos que a experiência é algo vivenciado através do contato com o outro é possível assumir que os pensamentos de Larrosa (2011) dialogam com o processo da experiência formativa presentes nas atividades de dança no ambiente escolar, visto que ao se trabalhar com a dança de forma pedagógica, provocamos o sujeito em sua totalidade a cada vivencia. Não somente os alunos se configuram como aprendizes, mas os professores também fazem parte dessa experiência compartilhada.

A experiência é “isso que me passa” [...]. A experiência supõe, em primeiro lugar, um acontecimento ou, dito de outro modo, o passar de algo que não sou eu. E “algo que não sou eu” significa também algo que não depende de mim, que não é uma projeção de mim mesmo, que não é resultado de minhas palavras, nem de minhas ideias, nem de minhas representações, nem de meus sentimentos, nem de meus projetos, nem de minhas intenções, que não depende nem do meu saber, nem de meu poder, nem de minha vontade. (LARROSA, 2011, p.5)

Sendo assim, percebe-se que a experiência está profundamente ligada ao sujeito e aos acontecimentos externos que ocorrem a ele. Estes contribuem para a vivência de novos horizontes tanto no processo de formação artística ou em qualquer outro aspecto da vida. "A dança como experiência considera a sala de aula como um laboratório de investigação, em que a imprevisibilidade provoca e instaura o estado

de presença e escuta o corpo presente em experiência." (MILLER, 2014, n.p.).

Nos dias atuais a educação vem passando por diversas mudanças, onde a aprendizagem lúdica tem sido cada vez mais valorizada na Educação Infantil, desse modo, discutir a dança na escola significa olhar para sua totalidade, e sua capacidade de provocar o sujeito em cada vivência.

O corpo está em constante desenvolvimento e aprendizado. Possibilitar ou impedir o movimento da criança e do adolescente na escola; oferecer ou não oportunidades de exploração e criação com o corpo; despertar ou reprimir o interesse pela dança no espaço escolar, servir ou não de modelo... de uma forma ou de outra, estamos educando corpos. Nós somos nosso corpo. Toda educação é educação do corpo. A ausência de uma atividade corporal também é uma forma de educação: a educação para o não-movimento – educação para a repressão (STRAZZACAPPA, 2001, p. 79)

Através da dança na escola percebemos que o processo de aprendizagem vivido através da experiência é diferente e único para cada estudante. A forma como vivenciamos um acontecimento está dentro de cada um de nós e através de cada vivência somos transformados e abrimos a possibilidade de escutar a nós mesmos, olhando para o nosso interior, nossos desejos internos, dando possibilidade para a nossa sensibilidade se manifestar.

O corpo presente clama a nós mesmos para sermos escutados de novo a cada momento novo, porque, por mais que o conteúdo pedagógico ancore um caminho didático, nós, o mundo e os outros –aqui e agora- já não somos os mesmos, pois as transformações nos atingem e os instantes nos afetam. (MILLER, 2014, n.p.)

Desse modo, é possível afirmar que cabe ao educador que introduz a dança como recurso pedagógico não se limitar apenas a passos e coreografias, e sim proporcionar atividades que estimulem diferentes experiências, instigando a sensibilidade e a reflexão.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“A dança é uma das formas mais perfeitas de comunicação com a inteligência infinita.”

Paulo Coelho.

O objetivo geral da pesquisa pretendeu realizar reflexões sobre a Dança na Educação Infantil, evidenciando que os conhecimentos em Dança na escola abrangem muito mais do que a imitação e a execução de movimentos, ela permite uma aproximação com o inconsciente, portanto a dança na escola não deve priorizar a execução de técnicas perfeitas, mas sim deixar os educandos livres para se expressar através do corpo

Assim, foi possível notar que o uso da dança no contexto pedagógico ainda deve ser melhor compreendido e explorado, pois ela é considerada uma experiência corporal que possibilita os alunos formas alternativas de expressão e comunicação contribuindo para o processo de ensino e aprendizagem, segundo Laban (1990), a dança pode ser comparada a linguagem falada podendo trazer diversos benefícios para os estudantes.

Comparada a linguagem oral. Assim como as palavras são formadas por letras, os movimentos são formados por elementos; assim como as orações são compostas de palavras, as frases da dança são compostas de movimento. Esta linguagem do movimento, de acordo com seu conteúdo, estimula a atividade mental de maneira semelhante, e talvez até mais complexa que a da palavra falada. (LABAN, 1990, p.32)

A dança possibilita que os alunos aprendam não somente por meio de palavras, mas também por movimentos e brincadeiras, criando mesmo que de forma inconsciente uma visão crítica e reflexiva sobre diversos assuntos, de acordo com Siqueira:

No estudo do não-verbal, o corpo é o instrumento básico para análise e reflexão. É a matriz geradora da dança, das performances, dos gestos plenos de significação consciente e dos movimentos espontâneos e/ou inconscientes. (2006, p. 4)

Dessa forma, a dança apresenta um papel benéfico para a expressão individual e coletiva, mas para que esses aspectos positivos sejam explorados e executados é preciso que haja um planejamento visando o contexto e as particularidades dos alunos e do ambiente em que estão inseridos, caso contrário as aulas de dança serão meras aulas de recreação ou de montagens de coreografia para festividades da escola, como citado por Marques:

Ao contrário do que nos dita o senso comum, as aulas de dança podem ser verdadeiras prisões dos sentidos, das ideias, dos prazeres, da percepção e das relações que podemos traçar com o mundo. De fora para dentro, regras posturais baseadas na anatomia padrão, sequências de exercícios preparadas para todas as turmas do mesmo modo, repertórios rígidos e impostos (por exemplo, as festinhas de fim-de-ano) podem estar nos desconectando de nossas próprias experiências e impondo tanto ideais de corpo (em forma e postura) quanto de comportamento em sociedade (2010, p. 26-27).

A dança trabalhada no ambiente escolar contribui para resultados positivos e para o progresso no desenvolvimento do educando, permitindo que as crianças expressem suas emoções e sentimentos através do corpo, criem e intensifiquem os laços afetivos, desenvolvam aspectos relacionados à autonomia corporal e intelectual, possibilitando o avanço da aprendizagem. “A dança no espaço escolar busca o desenvolvimento não apenas das capacidades motoras das crianças e adolescentes, como de suas capacidades imaginativas e criativas” (STRAZZACAPPA, 2001, p. 71)

A pesquisa também evidenciou que a dança na escola vai muito além das meras apresentações destinadas a apresentação de um produto final para satisfação do calendário escolar e dos pais. Ela dá subsídios para o desenvolvimento de diversas áreas não exploradas pelos conteúdos acadêmicos.

A dança ensinada na escola não deve ser vista como uma criação de um “show” de arte e sim um meio de educar através da arte. Tem papel fundamental enquanto atividade pedagógica, realizando um trabalho que estimule ao máximo a criatividade, capacidade de raciocínio, autoconfiança, melhorar a relação com os outros e consigo mesmo além de ampliar o repertório motor (LIMA e FROTA, 2007, n.p.).

Nesse aspecto, a dança como linguagem artística e como forma de expressão através dos movimentos possibilita através do corpo que o indivíduo sintase, conheça-se e perceba-se, contribuindo com o desenvolvimento integral infantil. Dessa maneira Godoy (2007) defende a relevância e a importância de ser trabalhada na escola para que a criança compreenda os seus limites, suas capacidades e para:

Entender melhor como seu corpo funciona, para que possa usá-lo expressivamente com inteligência, autonomia, responsabilidade e sensibilidade. Essa linguagem é uma forma de integração e expressão individual e coletiva, em que o aluno exercita a atenção, a percepção, a colaboração e a solidariedade. Como atividade lúdica permite a experimentação e criação no exercício da espontaneidade (GODOY, 2007, p. 7).

Assim, considera-se essencial que a temática apresentada seja ampliada, aprofundada e mais discutida, a fim de desenvolver um trabalho consciente, onde os profissionais sejam habilitados e capazes de trabalhar com os inúmeros benefícios da dança, visando a formação de cidadãos autônomos, conscientes e expressivos, que tem início na Educação Infantil e estende-se por toda a vida.

9. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, F. S., 1981. **Que dança é essa? Uma proposta para a educação infantil.** São Paulo, 2013.

BARBOSA, M. C. S. (cons.). **Práticas cotidianas na educação infantil: bases para a reflexão sobre as orientações curriculares.** Brasília, MEC/UFRGS, 2009.

BARRETO, D. **Dança... ensino, sentidos e possibilidades na escola.** 1998.

_____, D. **Dança... ensino, sentidos e possibilidades na escola.** 2ª ed. Campinas: Autores Associados. 2005

_____, D. **Dança... ensino, sentidos e possibilidades na escola.** 3ª ed. Campinas: Autores Associados. 2008

BERTONI, I. G. **A dança e a evolução, ballet e seu contexto teórico, programação didática** – São Paulo: Tanz do Brasil, 1992. Brasil. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental.

BOURCIER, P. **História da dança no ocidente.** São Paulo: editora Martins Fontes, 1987.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC).** Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: < 568 http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2020.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional:** Lei nº9.394 de 20-12-1996. Disponível em acesso em: 25 nov. 2020.

_____. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil.** Brasília: MEC, 1998. BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Artes. Brasília, MEC/SEF, 1997.

CAMPOS, M. M. **A Educação Infantil frente a seus desafios.** São Paulo: Fundação Carlos Chagas, maio 2009.

CINTRA, R.C.G.G. **Educação Especial X Dança: um diálogo possível.** Campo Grande. Ed UCDB. 1999.

COSTA, P. R. **A técnica Klauss Vianna para o ensino de dança na Educação Infantil.** Rio Claro, 2020.

FREINET, C. **Conselho aos pais**. 2ª ed. Lisboa: Estampa, 1974.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARAUDY, R. **Dançar a Vida**. 6ª. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

_____, R. **Dança a vida**. 4ª. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

GODOY, K. M. A. de. **O espaço da dança na escola**. In: KEER, D. M. (org.). Pedagogia Cidadã: Caderno de formação: artes. São Paulo. Páginas & Letras Editora e Gráfica, Unesp. Pró-reitora de graduação, 2007.

_____, K. M. A. de; ANTUNES, Rita de Cássia Franco de Souza (orgs.). **Movimento e Cultura na Escola: Dança**. São Paulo. Instituto de Artes da Unesp, PróReitoria de Graduação, 2010.

LABAN, R. **Dança Educativa Moderna**. São Paulo: Ícone, 1990.

_____, R. **Domínio do movimento**. ed. Organizada por Lisa Ullmann. Tradução de Anna Maria Barros de Vecchi e Maria Silva Mourão Netto. São Paulo: Summus, 1978.

LAROSSA, J. **Notas sobre experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n.19, p.20-28, jan./abr., 2002.

_____, J. **Experiência e alteridade em educação**. Revista Reflexo e Ação, Santa Cruz do Sul, v.19, n.2, p.4-27, jul./dez., 2011

LIMA, P. R. F.; FROTA, M. A. **Dança - Educação Para Crianças do Ensino Público: é Possível?** Revista Brasileira Ciência e movimento. 2007.

MARQUES, I. A. **Dançando na escola**. São Paulo: Cortez, 2003.

_____, I. A. **Dançando na escola**. 4ª Ed. São Paulo: Cortez, 2007.

_____, I. A. **Dançando na escola**. 5ª Ed. São Paulo: Cortez, 2010.

_____, I. A. **Ensino de dança hoje: textos e contextos**. 6ª Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

_____, I. A. **Interações: crianças, dança e escola**. São Paulo: Blucher, 2012.

MAUSS, M.. **As técnicas do corpo**. In: _____. *Sociologia e antropologia*. Vol. 1. São Paulo: Edusp, 1974, p.399-422.

MILLER, J. **O corpo presente: uma experiência sobre dança-educação**. ETD – Educ.Temát. Digit., Campinas, SP, v. 16, n.1, p. 100-114, jan./abr. 2014. ISSN 1676-2592. Disponível em: <<http://www.fae.unicamp.br/revista/index.php/etd/article/view/6172>>. Acesso em: 03 Dez. 2020.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec/ABRASCO, 1992.

NANNI, D. **Dança educação - Pré-Escola à Universidade**. Rio de Janeiro: editora Sprint, 1995.

OLIVEIRA, M. V. **O que é Educação Física**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

PORPINO, K. O. **Dança é educação [recurso eletrônico] : interfaces entre corporeidade e estética**. 2. ed. Natal, RN : EDUFRN, 2018.

SCARPATO, M. T. **O corpo cria, descobre e dança com Laban e Freinet**. Campinas, SP: (s. n.), 1999.

_____, M. **Dança-Educativa: um fato nas escolas de São Paulo**. 2001. Disponível em: . Acesso em: nov/2020.

SIQUEIRA, D. C. O. **Corpo, comunicação e cultura: a dança contemporânea em cena**. Campinas: Autores associados, 2006.

SOUZA, A. A. A. de. **A prática pedagógica do Balé Clássico na educação infantil: revelando caminhos**. 2014.

STRAZZACAPPA, M. **A educação e a fábrica de corpos: a dança na escola**. Cad. CEDES, Campinas , v. 21, n. 53, p. 69-83, Apr. 2001 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622001000100005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 23 Nov, 2020.

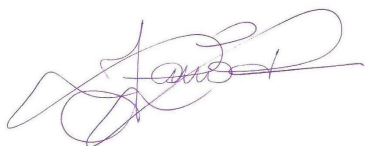
STOKOE, P; HARF, R. **Expressão corporal na pré escola**. Grupo Editorial Summus, 1987.

TOIGO, A. G. P.. **Dança na escola: uma proposta pedagógica pautada na pedagogia histórico-crítica**. Os desafios da escola pública Paranaense na perspectiva do professor PDE, 2014. Disponível em <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_unioeste_edfis_artigo_angela_gloria_piano_toigo.pdf> Acesso em 20 Nov, 2020.

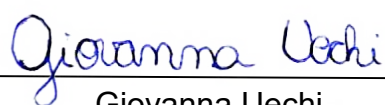
TOMAZZONI, A; WOSNIAK, C; MARINHO, N. (Org.). **Algumas Perguntas Sobre Dança e Educação**. Joinville: Nova Letra, 2010.

VIANNA, K. **A dança**. Klauss Vianna e Marco Antônio de Carvalho. – São Paulo: Siciliano, 2008.

ZANATA, E. S. **Caminhos entre a dança e as relações de gênero: por uma proposta inclusiva na educação física escolar**. Rio Claro, 2020



Professor Dr. Flavio Soares Alves
Professor Orientador



Giovanna Uechi
Graduanda em Pedagogia